

Porque é que a Falange entrou em conflito com o Opus Dei no imediato pós-guerra?

Como recorda Jonh F. Coverdale “A Falange dominava a vida política espanhola depois da Guerra Civil. Era o único partido e controlava não só o único sindicato como a única organização estudantil permitida no país”.

12/12/2010

Como recorda Jonh F. Coverdale

“A Falange dominava a vida política espanhola depois da Guerra Civil. Era o único partido e controlava não só o único sindicato como a única organização estudantil permitida no país. Da mesma forma que muitos outros espanhóis, alguns membros do Opus Dei pertenciam à Falange ou à sua organização estudantil. E outros não o quiseram fazer.

Escrivá deixou bem claro aos membros do Opus Dei que gozavam de total autonomia em matéria política. Como leais filhos da Igreja estavam obrigados a seguir as indicações da hierarquia para a defender das situações que ameaçassem os valores espirituais. Mas o Opus Dei não lhes daria nenhuma orientação política. Ainda que fosse bem conhecido o apoio de alguns bispos à Falange, a hierarquia não indicou aos católicos que deviam

apoiar essa organização. Os membros da Obra gozavam, por isso, de completa liberdade para pertencer ou não ao partido.

O Opus Dei incentivava os seus membros e os que participavam das suas atividades de formação a exercerem responsavelmente a sua liberdade de filiação política mas, em momento algum, tentou dirigir quem quer que fosse. Assim, quando um dos estudantes da residência de Jenner propôs ao diretor organizar uma campanha a favor da organização juvenil da Falange, o diretor recusou, com cortesia, a iniciativa e explicou claramente que na residência se respeitava a liberdade política dos que nela viviam.

Cada fiel do Opus Dei é livre de manifestar as suas opiniões. E não só: alguns participam ativamente na vida política. Por exemplo., Juan

Bautista Torelló, um jovem de Barcelona, do Opus Dei, pertencia a uma associação cultural catalã, considerada, no seu tempo, como um grupo clandestino contra o regime. Contou-o a Escrivá que insistiu que os membros do Opus Dei eram livres de tomar as suas próprias decisões em matéria política e cultural. Explicou-lhe também que nenhum diretor da Obra podia tentar influenciar, nestes assuntos, qualquer membro do Opus Dei nem nenhuma das pessoas que se aproximassem dos seus apostolados. Escrivá sugeriu-lhe que procurasse não ser preso pois naquela altura, em Barcelona, eram apenas seis da Obra e seria um golpe para o seu desenvolvimento se um deles fosse preso. Mas, concluiu: “Faz o que te parecer melhor”.

Como cabeça do Opus Dei e como sacerdote, Escrivá teve muito cuidado em não manifestar as suas

opiniões no campo político. Nos anos imediatamente posteriores à Guerra Civil, quando o hino nacional soava nas cerimônias oficiais, quase toda a gente - também muitos bispos e sacerdotes – saudava com o braço erguido, de acordo com o uso adotado pela Falange e pelo regime de Franco, Escrivá nunca o fez, não tanto para demonstrar a sua oposição, mas para não se identificar com nenhum partido político. Deste modo, conseguiu não influir nos membros da Obra, nem afastar ninguém da direção espiritual por não partilhar das suas opiniões nesses campos.

Além disso, Escrivá não duvidou em acompanhar os que tinham posições contrárias ao regime ou eram, ao tempo, impopulares. A viúva de uma pessoa que esteve na prisão por suspeita de pertencer à maçonaria, escreveu ao fundador do Opus Dei agradecendo a amizade e a atenção

dadas a seu marido, nos momentos em que ninguém, nem sequer os mais íntimos, se atrevia a manifestar-lhes afeto.

Este respeito pela liberdade, caiu mal nos ambientes falangistas que consideravam como ameaça as aspirações de qualquer grupo que não estivesse sob o seu controlo directo. Assim, a revista “O que acontece?” e outras publicações falangistas, publicaram ataques muito duros contra a Obra e o seu Fundador, permitidos pelos censores oficiais do regime.

Certo dia, alguém que trabalhava na Secretaria-Geral da Falange, entregou a Frei José López Ortiz, frade agostinho, muito amigo de Escrivá, uma investigação sobre a “organização secreta Opus Dei” feita pelo serviço de informação da Falange. Além de referir-se ao Opus Dei como uma organização

clandestina, atacavam-no pela sua internacionalização, a sua oposição à nação e ao regime e o seu suposto anti-patriotismo. Também acusava a Obra de se opor à Falange e de secretamente conspirar apoderar-se da Universidade. Frei José descreveu o documento como uma calúnia atroz e não pôde conter as lágrimas ao contá-lo ao Fundador.

Para seu grande espanto, Escrivá olhou para ele sorrindo e disse: "Não te preocupes, Pepe, porque tudo o que aqui dizem, graças a Deus, é falso: mas, se me conhecessem melhor poderiam afirmar, com verdade, coisas muito piores, porque eu não sou mais que um pobre pecador que ama com loucura a Jesus Cristo". Em vez de rasgar o documento, Escrivá entregou-o a Frei José para que o devolvesse ao seu amigo e não viesse a ter problemas depois".

— COVERDALE, J. F., La Fundación del Opus Dei, Ariel, Barcelona 2002, pp. 314-316.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/porque-e-
que-a-falange-entrou-em-conflito-com-
o-opus-dei-no-imediato-pos-guerra/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/porque-e-que-a-falange-entrou-em-conflito-com-o-opus-dei-no-imediato-pos-guerra/)
(09/08/2025)